



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**LINGUAGENS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NO CURSO DE PEDAGOGIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, CAMPUS ARRAIAS**

Jorgeanny de Fátima R. Moreira  
Universidade Federal do Tocantins  
[jorgeanny.moreira@uft.edu.br](mailto:jorgeanny.moreira@uft.edu.br)

**Resumo:** Os relatos que seguem foram produzidos a partir da experiência como docente da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins. A dificuldade dos discentes em compreender temas e conteúdos básicos da Geografia foi a motivação para a utilização de diferentes linguagens para que os estudantes pudessem ler o espaço e lugar em que vivem, bem como compreender conceitos de forma mais dinâmica e interessante. Além disso, estas linguagens precisavam ser adaptadas para se ensinar Geografia nas séries iniciais, uma vez que os pedagogos ocuparão os espaços escolares voltados para a educação infantil. Em um primeiro momento, as linguagens como mapa mental, maquete, músicas, histórias em quadrinhos e vídeos serviram como recursos didáticos na mediação pedagógica. Em um segundo momento, os estudantes precisaram adaptar estes instrumentos para ensinar os conteúdos geográficos nas séries iniciais. Esse processo dura um semestre, entre leituras, discussões de textos e a adaptação das metodologias para ensinar Geografia. E o resultado são discentes mais envolvidos e curiosos em compreender o espaço e o lugar, os temas e os conteúdos geográficos. E, mais que isso, tornarem-se capazes de ensinar e explicar os fenômenos sociais, naturais, culturais que produzem o espaço geográfico de maneira mais lúdica e eficaz.

**Palavras-chaves:** Categorias; Temas; Conceitos; Mediação pedagógica;

## INTRODUÇÃO

A experiência a ser relatada ocorre no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins no câmpus de Arraias, Tocantins. O município está localizado no sudeste tocantinense, distante apenas 22 quilômetros de Campos Belos no nordeste goiano. A região

apresenta características sociais e econômicas bastante vulneráveis. O Índice de Desenvolvimento Humano é de apenas 0,651, considerado baixo se comparado às capitais como Goiânia (0,799), Porto Alegre (0,805) e Curitiba (0,823) (IBGE, 2010).

A universidade, neste município, surge com a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) no início do governo Luís Inácio Lula da Silva, em 2003. Com apenas dois cursos superiores, Matemática e Pedagogia, o objetivo era atender aos professores em exercício nas escolas de Ensino Básico do sudeste tocantinense e nordeste goiano.

O curso de Pedagogia passou a atender profissionais da educação que lecionavam nos municípios da região, e também jovens egressos do Ensino Médio que desejavam cursar a graduação sem migrar para os grandes centros (Brasília, Goiânia ou Palmas). Atualmente, o curso oferece 40 vagas com duas entradas, no primeiro e no segundo semestre, através do Sisu (Sistema de Seleção Unificada), e também com vestibular próprio contendo as vagas remanescentes.

Uma das disciplinas que compõe a grade curricular do curso é Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia e é ofertada para os acadêmicos que já estão cursando o quarto período da graduação. Estes estudantes apresentam pouca familiaridade com as categorias e conceitos geográficos. Além de apresentar certa dificuldade demonstram desconhecimento em muitos temas e conteúdos que estão presentes nos livros didáticos das séries iniciais como: orientação e pontos cardeais, países, estados e suas capitais, regiões, clima e estações do ano, relevo, solo.

Ao se deparar com tais circunstâncias alguns questionamentos surgiram: como apresentar os temas e conceitos de forma que eles os correlacionem com o próprio cotidiano? E mais, como eles, enquanto professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, podem introduzir os conceitos próprios da Geografia? Quais atividades didático-pedagógicas podem ser utilizadas para facilitar a mediação no processo ensino-aprendizagem? Quais linguagens permitem fazer a mediação dos temas e conteúdos geográficos com os estudantes da graduação? E como estas linguagens podem ser adaptadas para as séries iniciais?

Responder tais questionamentos foram os principais objetivos elaborados para o plano da disciplina de Fundamentos e Metodologias do Ensino de Geografia. É necessário utilizar as linguagens para auxiliar na mediação pedagógica, tornando as aulas mais dinâmicas e

interessantes para os estudantes. Porém é preciso cautela, pois com a ausência de uma leitura e estudo anterior, os instrumentos pedagógicos podem não significar nada. Portanto, a disciplina iniciou-se com os estudos dos conceitos, temas e conteúdos da Geografia, principalmente aqueles que aparecem nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nos livros didáticos. As linguagens e metodologias foram inseridas em momento posterior à explanação do conteúdo com o propósito de reforçar, exemplificar, comparar e interpretar os fenômenos estudados.

## **TEMAS, CONTEÚDOS E METODOLOGIAS**

A ementa da disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia é clara e objetiva sobre os temas e conteúdos que devem ser estudados pelos discentes: a produção do conhecimento sobre o espaço, a construção desse conceito pela criança, o processo de produção e reprodução do espaço geográfico mediado pelo trabalho social do homem. Tais temas são estudados refletindo sobre a relação entre sociedade e natureza sem negligenciar as múltiplas dimensões do espaço: social, política, cultural e também os aspectos físicos e ambientais.

Os conteúdos valorizam ainda, aqueles temas que surgem nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia como articuladores da interdisciplinaridade e contextualização de ensino formal e não formal. Portanto, as categorias geográficas são estudadas de modo que os estudantes as compreendam em sua totalidade, na relação da sociedade para a transformação do espaço.

Além destes temas e conteúdos, outros surgem como indispensáveis no decorrer do semestre, uma vez que ao citar elementos ou aspectos da natureza, os alunos demonstram total desconhecimento. Exemplo disso é o conteúdo clima. Ao mencionar os fatores climáticos, e a relação e diferença entre clima e tempo, surgem questionamentos como: “por que não há neve em grande parte do território brasileiro durante o inverno, e existe na região sul do país”? “O que são paralelos e meridianos”? “O que são os pólos”? E tantas outras dúvidas que corroboram para que a docente revise o planejamento e dedique uma aula em questões básicas de Astronomia, Geografia e Cartografia.

Com o intuito de tornar as aulas - sobre estes temas que parecem complexos - mais atrativas e a aprendizagem mais eficaz algumas metodologias são utilizadas. O objetivo é aperfeiçoar o processo de aprendizagem, mas ressaltando as características e elementos da realidade local, tendo em vista que os “processos psicológicos superiores, no contexto da teoria de Vygotsky, depende essencialmente das situações sociais específicas em que o sujeito participa” (BAQUERO, 1998, p. 26), valendo-se dos processos de mediação, bem como o uso de instrumentos capazes de auxiliar a internalização dos conceitos.

Portanto, o que é estudado sempre tem como referência o município de Arraias (clima, vegetação, geomorfologia, natureza e meio ambiente). De acordo com Cavalcanti (2005, p. 19), na perspectiva da psicologia histórico-cultural, “importa reter a ideia de possibilidades específicas de desenvolvimento do pensamento pelas práticas escolares com a mediação cultural”. Partindo dessas ideias, a mediação orientada em sala de aula versa por determinados conteúdos culturais e científicos subsidiado por metodologias e instrumentos capazes de correlacionar os processos sociais, científicos e culturais nas práticas escolares, uma vez que os discentes irão aplicar estes conhecimentos nos espaços voltados para a educação infantil.

Conforme já mencionado, alguns instrumentos e estratégias são utilizadas para facilitar a leitura da geografia pelos alunos do curso de Pedagogia. Além disso, as metodologias propostas também podem ser adequadas para a realidade dos espaços escolares em que os acadêmicos irão atuar. Diferentes linguagens são utilizadas como a música, a maquete, as imagens, o cinema e o mapa mental.

É importante que estas linguagens valorizem a experiência vivida, como o estudo do bairro, da cidade e da região. De acordo com Schaffer (1998, p. 89), “a partir da publicação dos parâmetros curriculares nacionais (PCNs), a leitura da paisagem tornou-se uma expressão de uso corrente”. É com base na categoria paisagem que outros elementos são estudados como as características do clima, do solo, da vegetação, a cidade e outros conteúdos que apresentem significado e relevância para o estudante.

Ao estudar a categoria paisagem, os estudantes apresentaram muitas dúvidas acerca da vegetação e tipo de solo do município. Alguns conteúdos sobre geologia e astronomia foram mencionados. Entretanto, os aspectos relacionados ao sistema solar, devido os estudos sobre as estações do ano, geraram mais empolgação. Então, uma maquete (Figura 1) e uma música infantil foram utilizadas como instrumentos metodológicos para a compreensão de conceitos

básicos, e que podem ser utilizados também nos espaços escolares.



Figura 1. Maquete que representa o sistema solar  
Foto: Moreira, 2019.

É essencial que a maquete seja um instrumento que consiga auxiliar alunos e professores a produzir conhecimento. De acordo com Simielli *et. al.* (1991, p. 19), “essa produção se faz a partir das informações que os elementos da maquete em si traduzem, assim como de informações que possam ser sobrepostas à maquete e trabalhadas para a elaboração de conceitos e de fenômenos”.

Além da maquete, outra linguagem foi utilizada para o estudo da paisagem. Todavia, acrescentou-se, ainda, o estudo sobre lugar. Após a explanação dos conceitos, solicitou-se a produção de um mapa capaz de representar além do lugar, alguns elementos da paisagem. Os estudantes esboçaram, em muitos casos, o caminho da universidade para casa, uma vez que consideraram estes dois espaços, lugares que representam o seu cotidiano (Figura 2).

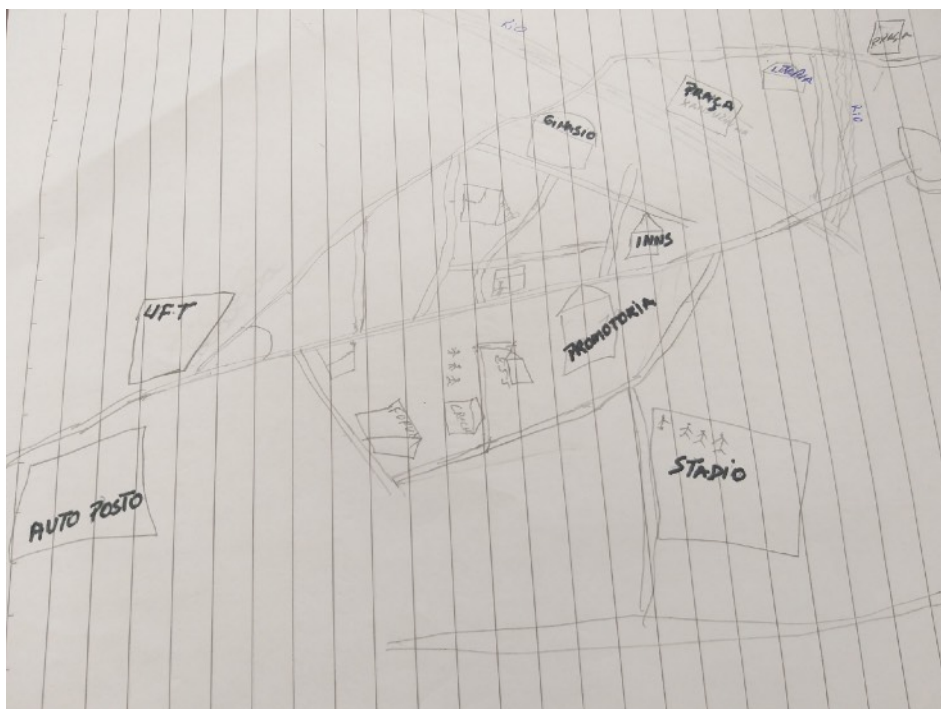


Figura 2. Mapa Mental desenvolvido por alunos do curso de Pedagogia  
Foto: Moreira, 2019.

O mapa mental “é um recurso didático de grande significado porque nos permite saber como nossos alunos percebem o espaço geográfico em diferentes escalas” (SCHAFFER, 1998, p. 94). Com isso, os discentes ainda compreendem elementos imprescindíveis como orientação e noção de escala. Não é raro, em turmas do curso de Pedagogia, alguns acadêmicos demonstrarem desconhecimento sobre os pontos cardeais. Então, o mapa é utilizado para além de localizar pontos, cidades, países, para que o estudante construa a representação que ele tem do espaço e do lugar, a partir disso esse conhecimento irá se expandido – do local para o global. O mapa mental, portanto, é utilizado como linguagem para ensinar, a partir do conhecimento prévio destes alunos, elementos mais complexos. Além disso, o uso dessa linguagem permite uma leitura espacial e reforça a tríade ensino de Geografia – espaço – linguagem cartográfica (RICHTER, 2011).

Estas duas linguagens são apenas demonstrações do que pode ser utilizado para auxiliar professores no processo de ensino de Geografia. Outras, como música, história em quadrinhos e vídeos também são de extrema importância no desenvolvimento das aulas e que aparecem no programa da disciplina. Com base nestas linguagens apresentadas pela docente, os estudantes são desafiados a utilizarem diferentes linguagens e criarem as suas próprias

metodologias para ensinar Geografia na educação infantil. Essa proposta deve ser apresentada no final do semestre em forma de seminário e é avaliada como nota final da disciplina.

## LINGUAGENS PARA ENSINAR GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

É com base na experiência vivida e no encontro com o cotidiano dos estudantes do I e II ciclos do Ensino Fundamental que encontramos meios para a internalização dos conceitos geográficos. Isso implica refletir e buscar subsídio junto a geografia vivenciada pelos estudantes em seu próprio cotidiano, a partir de suas práticas sociais e culturais.

Nesse estágio escolar, as crianças têm no Ensino de Ciências e em Estudos Sociais, conteúdos geográficos como clima, solo, cartografia, relação urbano e rural, campo e cidade, natureza e meio ambiente. Estes conteúdos aparecem nos livros didáticos de forma generalizada e não representa a própria realidade dos estudantes, ou seja, as estações do ano, o modelo de cidade e rural, os tipos de clima e de solo, próprios do município de Arraias. Os exemplos utilizados no material disponibilizado ao professor não referem-se às peculiaridades e singularidades da região sudeste tocantinense e nordeste goiano. Por isso, os pedagogos precisam adequar o material que possuem ao contexto local (Figura 3).



Figura 3. Maquete para ensinar os conteúdos cidade, urbanização e Meio Ambiente.  
Foto: Moreira, 2019.

Guimarães (2007, p. 50) aponta que “o ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar ideias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo”. Com esta premissa, os estudantes podiam escolher um dos conteúdos estudados durante o semestre e criar uma metodologia para ensinar Geografia. A maquete foi muito utilizada como linguagem para ensinar cidade e meio ambiente, pois este foi um dos conteúdos mais polêmicos durante as aulas, tendo em vista o estado de abandono (palavras dos alunos (as)) da cidade de Arraias. Além da poluição de rios e nascentes causada por uma mineradora próxima a menos de dez quilômetros do perímetro urbano. Então outros conteúdos puderam ser explorados como industrialização, urbanização e problemas ambientais.

Ao tratar destes temas, a morfologia da paisagem despertou interesse de outros grupos, uma vez que a cidade de Arraias é banhada por dois rios (Rio Arraias e Rio Bezerra), que já estão poluídos, e está cercada por serras, chapadas e colinas. Entender o relevo e suas características passou a ser o interesse central da turma, assim um dos grupos utilizou das discussões em sala de aula para desenvolver uma maquete no seminário da semana seguinte. Nesta maquete, os estudantes pretendiam explicar a morfologia da paisagem arraiana (Figura 4).



Figura 4. Maquete para ensinar o conteúdo de geomorfologia  
Foto: Moreira, 2020.

O uso das maquetes tornou as aulas (simuladas pelos estudantes) mais dinâmicas e interessantes. Estes materiais permitiram que os discentes fizessem uma análise geográfica a partir da interpretação do relevo e de suas formas, e “entender o porquê dessas formas, bem



como a transformação no decorrer do tempo, possibilitando compreender os problemas e dinâmicas sociais” (LUZ et. al., 2011, p. 4).

Além das maquetes, os jogos foram outras linguagens bastante utilizadas para o ensino de Geografia pelos discentes do curso de Pedagogia. Alguns grupos criaram quebra-cabeças, enquanto outros preferiam os jogos de tabuleiro (Figuras 5 e 6). Os jogos servem como um material paradidático lúdico que contribuem no processo ensino-aprendizagem. Todavia, os acadêmicos utilizaram esta ferramenta como uma linguagem, já que desperta o raciocínio, a interpretação, a leitura e a reflexão. Florentino (2018) explica que esse lúdico é um agente facilitador que pode contribuir para o ambiente escolar, ou seja, pode ser uma ferramenta que facilita a mediação pedagógica.



Figura 5. Quebra cabeça  
Foto: Moreira, 2018.

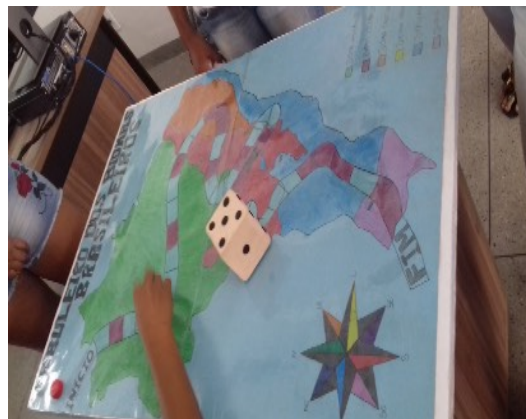


Figura 6. Jogo de Tabuleiro  
Foto: Moreira, 2018.

Mas antes de iniciar os estudos sobre metodologias, técnicas e instrumentos para a mediação pedagógica vislumbramos acerca do raciocínio espacial, de que este é necessário, uma vez que as práticas sociais cotidianas têm uma dimensão espacial. “Os alunos que estudam essa disciplina já possuem conhecimentos geográficos oriundos de sua relação direta e cotidiana com o espaço vivido (CAVALCANTI, 2005, p. 198). É com base nos conhecimentos que eles apresentam que vão desenvolvendo metodologias capazes de mediar a sua prática pedagógica, e um dos elementos utilizados são as diferentes linguagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência obtida no processo de construção da metodologia de ensino e na prática em sala de aula, compreende-se que é preciso cautela na utilização dos recursos e novas linguagens para o ensino de geografia, pois caso o professor (a) não consiga fazer uma leitura adequada dos conceitos ligados às categorias e temas da geografia, bem como correlacioná-las com o local com o nacional, o regional e o global, os objetivos não serão alcançados e os estudos não passarão de meras descrições empíricas.

O uso das diferentes linguagens permitiu aos estudantes incorporarem a investigação no processo de ensino aprendizagem, além de uma reflexão crítica acerca do trabalho realizado como: o que as crianças estavam aprendendo? Quais os conceitos eram apresentados? Qual a relação de determinada linguagem com a Geografia e o estudo do espaço? Os discentes da disciplina ainda refletiram sobre o papel que estas linguagens representam para tornar suas aulas mais dinâmicas, criativas e envolventes.

As linguagens propostas pelos discentes demonstram que os conceitos espaciais, na prática pedagógica dos professores, podem ser interessantes e dinâmicos nas séries iniciais. As ferramentas utilizadas remetem àqueles conceitos que estão presentes nas práticas cotidianas das crianças como o lugar (cidade, bairro, casa, escola), e a relação destes com a cidade e com o meio ambiente.

Ao apresentar os conceitos espaciais, as linguagens vão se aprofundando em conteúdos mais complexos como o clima, o solo, as estações do ano, os pontos cardeais, a escala. Alguns temas ligados à astronomia surgem quando as linguagens utilizadas apresentam uma leitura mais abstrusa, e isso mostra que a reflexão e a interpretação dos fenômenos estudados acontecem e os objetivos foram alcançados.

## REFERÊNCIAS

- BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- CAVALCANTI, L. S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. In **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, mai/ago. 2005.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios**: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

FLORENTINO, Raiane. Jogo de tabuleiro: uma metodologia lúdica para o ensino de Geografia. In **Estudos Geográficos**, Rio Claro, 16(1): 144-158, jan./jun. 2018 (ISSN 1678—698X) <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

GUIMARÃES, I. Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos. **Terra Livre – Geografia e Ensino**. Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n. 28, p. 45-66, jan-jun 2007.

LUZ, Durigan da; MARÍ, Rose; BRISKI, Sandro J. Aplicação didática para o ensino da Geografia através da construção e utilização de maquetes. In: **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-20.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de Geografia**: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SCHAFFER, Neiva Otero. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da geografia. In NEVES, Iara C. B. [et. al]. (Org.). **Ler e Escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998. P 85-101.

SIMIELLI, M.E.R.; GIRARDI, G.; BROMBERG, P.; MORONE, R. & RAIMUNDO, S.L. Do plano ao tridimensional: a maquete como recurso didático. **Boletim Paulista de Geografia**, nº 70, AGB, São Paulo, 1991, pp. 5-21.